

*O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessoa; sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não se sente bem onde está, que tem saudade... sei lá de quê!*

(Florbela Espanca in *Cartas a Guido Bateli*)

## **Uma breve leitura de vida**

*Iris Filomena Mendes de Oliveira*

Em minha casa sempre tivemos gatos, jornais, revistas, livros e diferentes papeis. Muitos destes herdados dos meus avós. Deles vieram livros, fotografias, agendas, cadernos, cartas de amor e muitas obras da religião Bahá'í, que foi seguida fervorosamente pelos meus avós. Registros de um tempo muito distante e diferente do meu. Eu e meu irmão éramos crianças em um mundo de velhos e adultos.

Embora essa herança tenha sido dividida com mais dois tios, meu pai ficou com a maior parte do material impresso, por dispor de espaço para acomodá-lo. Este material sempre despertara minha curiosidade; parecia que ele não se esgotava e que era imenso. Eram livros de diversos tipos, dicionários e enciclopédias, vindos de uma época em que o livro e o papel eram ainda mais caros do que nos dias de hoje. Havia, inclusive, um Alcorão em espanhol, tudo muito curioso e enigmático. Incompreensível mesmo, e só vim a decifrar aqueles objetos misteriosos muito tempo depois.

Como é de se imaginar, a maioria das obras possuía lombadas grossas; algumas delas eram muito velhas e era possível sentir seu cheiro aos passar pelo corredor. Não eram obras cheias de cores, mas eram cheias de referências.

Esse tanto de coisas curiosas foi se fundindo aos contos de fadas e aos livros infantis em moda na minha infância, como uma enciclopédia e uma coleção da Disney, comprada pelo Círculo do Livro, que tentavam se doutrinar para viver em meio a toda aquela existência. No entanto, apesar de historicamente mais próximo do meu tempo, esse material ainda não se comunicava com meu mundo.

Na nossa biblioteca havia também obras “circulantes”, que ao contrário dos livros de lombada grossa, passavam constantemente de mão em mão: eram os gibis e os livros de bolso, muito disputados por meu pai e meus tios. Essas trocas eram momentos solenes, em que os livros de “*Bang Bang*” e os gibis da Disney e do Maurício de Sousa eram disputados por adultos como figurinhas no jogo de bafo.

Todo esse tesouro era trazido em uma caixa de papelão, que era revirada em busca de relíquias ainda desconhecidas. Eu lia muitos dos gibis escolhidos pelo meu pai e talvez daí tenha vindo, desde cedo, meu gosto pela leitura de revistas.

A outra biblioteca que entrou em minha vida foi a da escola onde cursei todos os anos do Ensino Fundamental e que na época ainda era chamada “EEPG” José Pedro de Oliveira, em Barão Geraldo/Campinas/SP. Nessa escola, pegávamos livros emprestados toda semana e eles eram tão interessantes quanto os curiosos livros de minha casa.

Essa biblioteca era bem mais colorida, mas os livros eram mais difíceis de serem identificados: por serem bem finos, se perdiam facilmente entre os outros. A competição entre as obras também era mais acirrada, mas eu já conhecia um pouco sobre disputa por livros e vinha me tornando boa nessa briga desde então.

Os livros estiveram presentes em minha vida de duas maneiras distintas: aqueles da minha casa e os da escola, e essas faces foram se mostrando bem particulares para mim ao longo do tempo. Cada uma sempre ocupou um espaço diferente em minha vida, seja para pesquisa ou fruição.

Os materiais de leitura de minha casa se tornaram para mim e para os meus colegas de escola um local de amparo para nossos trabalhos. Encontrávamos o que precisávamos para os nossos estudos e pesquisas, com a vantagem de que aquela biblioteca estava aberta em tempo integral e que o material ficava conosco pelo tempo que precisássemos. Nesse sentido, diferente da biblioteca escolar ou de qualquer outra.

Isso era o que eu mais gostava na minha biblioteca, e esse sentimento permanece vivo ainda hoje, me levando a ampliá-la cada vez mais, seja com aqueles livros já lidos, seja com aqueles que ainda tenciono ler.

Aliás, minha primeira experiência em uma biblioteca que ultrapassava em muito esse lugar comum casa-escola me chocou, exatamente por mostrar a imensa diferença que havia entre ela e as outras; aconteceu quando fomos fazer um trabalho escolar sobre Maiakovski, ainda nessa época escolar, no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL - da Unicamp.

Na imensa biblioteca do IEL o sentimento de proximidade entre o sujeito e as obras desaparecera completamente, nada era conhecido. Ficou uma comoção, um riso tenso, um deslumbre e a aventura entre os livros. Nunca havia visto tantas obras, principalmente em outros idiomas, reunidas em um mesmo lugar. Nunca tinha tido a oportunidade de ver nada como aquilo.

À medida que fui crescendo, as prateleiras da minha biblioteca foram ficando mais baixas e as cores foram aparecendo. Fui compartilhando outros materiais e livros desta biblioteca. Nesta época, meus pais se separaram, eu fiquei morando com meu pai e a leitura passou a ser uma forma de usufruir do silêncio da casa.

Já no colegial, em outra escola, agora na E. E. Barão Geraldo de Rezende, também em Barão Geraldo, não fazíamos mais visitas à biblioteca. Ela estava desativada, apesar de os livros estarem lá, e era difícil de entender os motivos disso na época; muitos colegas passaram todo o colegial sem ao menos ver este espaço ou mesmo saber que ele existia.

O mais interessante, no entanto, é que poucos anos depois os livros deste espaço inutilizado foram retirados de lá, inseridos nas salas de aula e viraram tema da dissertação de mestrado da minha professora de português<sup>1</sup>, desenvolvida junto ao mesmo grupo de pesquisa que poucos anos mais me acolheria na faculdade.

Como nessa escola não tínhamos acesso a livros, líamos apenas alguns clássicos na aula de literatura. Mas minha curiosidade tornou-me uma leitora compulsiva de revistas para o público adolescente: *Carícia*, *Capricho*, *Querida* e, depois, *Nova*. Se eu não as comprasse no começo do mês, o jornaleiro guardava os exemplares para meu pai buscar. Na minha casa nunca houve preconceito ou censura com relação à leitura, mesmo meu pai sendo militar e muito sério.

Voltei a uma biblioteca com letra maiúscula apenas durante a graduação em pedagogia. No início, fazíamos cópia de tudo que precisávamos; tínhamos uma colega de sala que era dona de papelaria e naquele momento parecia mais prático e barato. Emprestar livros na biblioteca era um terror para quem continuava odiando ter prazos para devolvê-los. Sempre quis ter o livro para mim e me sentir como a garota do conto de Clarice Lispector<sup>2</sup>.

Durante a graduação em Pedagogia pela Unicamp, que realizei em um período de cinco anos devido ao suporte e incentivo de meu pai, pude participar de diversos cursos, atividades, congressos, estágios e disciplinas eletivas. Foi um período de muito aprendizado; frequentei aulas na Faculdade de Educação Física, nos Institutos de Artes e de Letras e as que mais me tocaram foram aquelas ligadas à leitura e a literatura

---

<sup>1</sup> BIANCHI, Maria do Carmo; SILVA, Lilian Lopes Martin da (orient.). **Os livros na Escola Estadual Barão Geraldo de Rezende**: entre a biblioteca e a sala-ambiente. 2003. 125p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000317315>>. Acesso em: 25 jul 2012.

<sup>2</sup> LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*, in **O Primeiro Beijo**. São Paulo, Ed. Ática, 1996.

infantojuvenil, em aulas ministradas pelos Profs. Drs. Ezequiel Theodoro da Silva, Marisa Lajolo e Norma Sandra de Almeida Ferreira. Esta última, inclusive, viria a se tornar minha orientadora de trabalho de conclusão de curso e iniciação científica. E, felizmente, este foi apenas o primeiro de muitos outros trabalhos em conjunto.

Na iniciação científica, realizada junto à FAPESP, encontrei o primeiro material que marcaria muito do meu percurso de pesquisa e estudo: catálogos de divulgação de obras de literatura infantil. Esse olhar para um conjunto de trabalhos e a busca por materiais também foi se apurando quando colaborei como auxiliar de pesquisa no catálogo realizado pela Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, em “Pesquisa sobre Leitura no Brasil 1980-2000”<sup>3</sup>, a partir de sua tese de doutorado.

Durante este primeiro período de trabalho no grupo ALLE/FE/Unicamp, analisei, inicialmente, as imagens de leitura e leitor nos catálogos de livros infantis das editoras e sua relação com os livros e a literatura infantil. E, pelos catálogos, comecei a conhecer muito do que havia disponível para leitura para as crianças e jovens. Foi no momento da iniciação científica que ampliei a minha biblioteca pessoal com livros necessários à minha formação. As cópias foram sendo substituídas e novos livros foram adquiridos e também comecei a comprar livros infantojuvenis.

Da iniciação científica veio o projeto de mestrado que daria continuidade à parceria com a mesma exigente e querida orientadora e junto ao acolhedor grupo. Nele, as reflexões e as pesquisas estão relacionadas às questões da cultura escrita e leitora, bem como da leitura em nossa sociedade - em diferentes momentos e lugares, assim como suas produções, circulação e recepção em diferentes espaços.

Neste momento, comecei a ver um bom catálogo um pouco como o trabalho realizado por um curador, que prepara e realiza a melhor montagem para expor as “obras” presentes em seu interior, aquele que pensa em permitir fluir o olhar, mas de maneira orientada e indicativa.

Esse curso vinha sendo realizado com muitas dificuldades, pois aquele que me apoiava precisou muito da minha ajuda e, infelizmente, por questões pessoais não pude concluir a pesquisa. Aquele que despreziosamente me mostrara as alegrias e as dores do vivido e do escrito fechou os olhos para a leitura neste mundo.

Por este mestrado obtive o título de especialista, pois havia cumprido as exigências legais necessárias para obtenção do título, mas isto devido ao suporte e

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.fe.unicamp.br/alle/catalogo\\_on-line/abrir.swf](http://www.fe.unicamp.br/alle/catalogo_on-line/abrir.swf) . Acesso em 25/07/2012

compreensão dos professores do ALLE e, principalmente, pela Profa. Norma, por quem tenho muito respeito, admiração, gratidão e carinho.

Morando sozinha, iniciei a minha primeira experiência profissional como professora de português, história e geografia em uma escola particular de uma cidade da Região Metropolitana de Campinas. Como em todo início de atividade profissional, vivi alguns choques: surpreendentemente, em minha casa havia mais material impresso de todo tipo que na escola, e eu levava livros, enciclopédias, revistas e jornais para leitura dos alunos.

Apareceram também os primeiros conflitos pedagógicos: nesta escola nunca houve reunião pedagógica, e as decisões importantes eram tomadas nos vinte minutos do café. Foi um momento de muitas faltas....

Nesta época conheci meu outro grande parceiro na leitura e na vida, o César. Como um cidadão do mundo, ele despertou-me o interesse pelos estudos das línguas, principalmente da francesa e da inglesa, a qual fala fluentemente. Ele foi me aproximando de outros lugares, me afastando da tristeza. Levou-me para longe da minha terra e depois me trouxe forte e revigorada.

Foi assim que consegui voltar para a universidade, atuando novamente em conjunto com minhas grandes ALLEdas e queridas professoras do grupo de pesquisa. Trabalhei na Associação de Leitura do Brasil como secretária geral do 17º COLE, na qual elas, as professoras do ALLE, eram membros da Diretoria. Venho acompanhando o COLE desde minha graduação como participante, monitora, auxiliar de secretaria, até ser secretária. Entrei para dar continuidade a um trabalho e foi uma experiência muito boa e intensa.

De volta ao mundo acadêmico, tomei coragem para prestar novamente o mestrado e calar aquele grito preso na garganta. Voltei para dar voz àqueles que pareciam ausentes e acho que este era o meu “fado”. No momento do projeto já tinha um bom repertório de leitura e conhecimento a respeito de livros de literatura infantojuvenil, mas não sabia mensurar a presença das obras de escritores portugueses no mercado editorial brasileiro, por isso o interesse pela temática.

Após o encerramento do 17º COLE, que reverberou até o final do semestre, assumi a secretaria de publicações da entidade. Cuidei do *blog* da ALB, alimentando e formatando o material ali inserido, assim como dos encaminhamentos internos das revistas *Leitura Teoria e Prática*, *Linha Mestra* e da coleção de livros da associação. Foi novamente em meio a livros e revistas que voltei para o mestrado.

Neste meio tempo, ministrei palestra e curso sobre literatura infantojuvenil, além de ter adquirido ainda mais leituras e gatos. Penso cada vez mais no papel do livro e da leitura em minha vida, assim como em meu lugar de formadora de leitores e de professores.

Durante o primeiro semestre de 2012 lecionei em uma faculdade de Campinas, tendo ficado responsável pelas disciplinas de “Metodologia e prática de Ensino de História/Geografia” e “Metodologia e prática de Ensino de Ciências”. Durante as minhas aulas levei inúmeras vezes livros de literatura e paradidáticos.

Também venho auxiliando e orientando os filhos de meus vizinhos em seus trabalhos escolares, uma vez que não têm acesso aos mesmos bens culturais que, felizmente, possuo.

Acredito que tenho colaborado para a formação de leitores e de bibliotecas pessoais, pois tenho dado apenas livros de presente aos meus sobrinhos e filhos de amigos. Perdi a conta de quantos já foram dados. Acho importante que eles recebam livros de presente e que possam vibrar com eles.

Penso que uma biblioteca, qualquer que seja, precisa ser democrática, e é por isso que a minha é melhor hoje do que já era na minha infância. Entretanto, ela se afasta cada dia mais da possibilidade de realização dos meus desejos de leitura. Apesar de saber escolher livros, jamais poderei ler todos os que quero. Por isso, guardo alguns catálogos; há dentro deles aqueles que não possuo e que nunca vou possuir. É uma maneira de carregá-los comigo e de nunca esquecê-los.

Minha biblioteca também mudou, ela agregou a grande coleção de livros de histórias em quadrinhos do César. E nossos livros estão se espalhados cada vez mais pela casa, pois também não cabem em um único lugar. Hoje, as publicações são mais bonitas para seduzirem e capturarem os leitores.

Os livros das inúmeras viagens que fizemos estão junto com as fotografias. Há outros na cozinha, na sala de jantar, no quarto; os de arte estão dispostos de modo a poderem ser folheados a esmo.

Enquanto ambiente cultural, minhas bibliotecas vão se aproximando ou se afastando, dependendo das minhas expectativas, interesses e necessidades. E hoje ela não é mais composta somente por impressos, nem pode ser; é necessário acompanhar as novas tecnologias e conhecer os materiais onde os textos se dão a ler. A biblioteca está crescendo, ficando imensa, não cabe em um único lugar, ela está sempre se revisitando.

O “papel” dos inúmeros materiais de leitura e da literatura em minha vida entrelaçou-se às minhas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais. Por isso, é impossível dissociar do meu fazer pedagógico o pensar sobre os mais diferentes modos de produção, sobre os acessos, a circulação, usos e potencialidades dos mesmos.

Independente do caminho profissional que eu venha a seguir, os usos dos diferentes suportes do texto e a literatura infantojuvenil vão sempre acompanhar a minha atuação. É isto que o pensar sobre o meu percurso de vida parece estar dizendo.